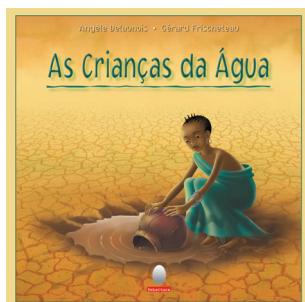


ROTEIRO DeLeitura versão completa***As Crianças da Água* / Angèle Delaunois**

Capa e ilustrações: Gérard Frischeteau

Formato: 23x23

Nº de páginas: 32

Indicação: 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental

No livro infantil *As Crianças da Água*, a autora, **Angèle Delaunois**, propõe uma reflexão poética e pragmática na observação das ações diárias das crianças, ações estas determinadas pela presença ou ausência de água no seu ambiente. Crianças de doze regiões do planeta descrevem, com suas palavras e línguas – fielmente traduzidas –, o que representa a água no seu ambiente: o espaço, a barragem de gelo, o oceano, a chuva, o rio, o lago, a cachoeira, os campos de arroz, uma mão estendida, o nascimento, o futuro, a vida...

Ao narrar seus contextos de vida, as crianças compartilham com o leitor a sua relação especial com a água: a água que alimenta, limpa, rega, a água símbolo de férias ou de catástrofes. Os textos destacam a singularidade de cada ser humano que, finalmente, parece compreender a importância de se valorizar, compartilhar, cuidar, preservar, não apenas a água, mas todos os recursos naturais.

A partir desta perspectiva, com textos de grande poesia e imagens mágicas que retratam a diversidade, o livro leva o leitor a uma viagem ao redor do mundo, enquanto o conscientiza sobre o meio ambiente e o papel do homem em variados contextos e culturas.

Algumas de suas características valem ser destacadas:

Tema e autoria

Ao falar sobre a água e o planeta, o livro aborda um tema atual e relevante para todos os seres humanos, tema recorrente, porém, aqui, tratado de uma forma bastante original que o leva além da mera leitura de conscientização. Ao ter como coautores crianças de diferentes partes do planeta, cada qual descrevendo sua visão particular sobre a água segundo o seu cotidiano, o livro propicia ao leitor uma viagem geográfica e cultural.

Narrativa

Ao descrever realidades sob a forma de uma quase poesia baseada em elementos absolutamente reais, o texto passeia entre o fazer literário e a informação descritiva quase em igual medida, tornando a mensagem tão mais eficiente quanto mais se investiga o sentido das palavras vinculadas à delicada composição das imagens. Assim, textos concisos, ilustrações ricas em detalhes e cores se amparam e se complementam, gerando uma leitura agradável que, simultaneamente, informa e encanta.

Leitura

Com tais ingredientes, a leitura vai além das palavras, dos registros, das imagens. Leva o leitor a diferentes regiões do planeta e o instigam a querer saber mais sobre os efeitos do tempo, do clima, do relevo e da cultura, na rotina de uma criança. Sob a perspectiva deste narrador distante e estrangeiro, a água ganha diferentes contornos, muito embora seja única, seja a mesma. E a viagem se faz encantadora, a partir da primeira afirmação: *Para mim a água é...* – sempre algo particular, porém tão vital, que é impossível ficar alheio ou insensível à narrativa ou, ainda, ignorar o quanto o tema nos diz respeito.

Navegando em águas claras

Antes de uma imersão no tema, vale conhecer o seu significado e o seu papel.

Água: (latim *aqua*, -ae), s.f. – 1. Líquido natural (H₂O), transparente, incolor, geralmente insípido e inodoro, indispensável para a sobrevivência da maior parte dos seres vivos. 2. Recurso natural que cobre cerca de 70% da superfície terrestre.

Um pouco de história

Na história das civilizações, a importância da água se torna mais e mais evidente a partir do momento em que notamos o seu papel determinante para os agrupamentos humanos, para a vida agrícola, para a economia e a formação das cidades. Podemos dizer que o destino dos cursos das águas sempre esteve direta ou indiretamente relacionado ao fluxo do processo civilizatório.

O homem primitivo identificou o quanto a água era vital para lhe matar a sede, a fome, construir utensílios, moradias e, ciente da sua importância, escolheu as proximidades dos rios para se estabelecer com seus grupos, garantindo assim água, alimento, e vias de transporte, o que explica o surgimento das civilizações mais adiantadas da Antiguidade próximas a rios como o Tigre, Eufrates, o Nilo, o Indo, dentre outros. O homem também notou que a água tanto lhe podia ser benéfica como devastadora – pela sua falta ou seu excesso – e, sem poder entender as grandes secas ou inundações, deu a ela um caráter sobrenatural. Assim, ela passou a integrar a Mitologia, sempre associada a divindades.

O dilúvio é descrito com aspectos comuns por diferentes civilizações, a origem da vida está sempre a ela associada, filósofos afirmavam que a água estava na origem de tudo: terra, homens e deuses; ritos e religiões veem a água como agente purificador e, diante desta sua relevância, a água se torna fator determinante de grandes fatos históricos e econômicos e se converte em tema rico para todas as artes, dentre elas, a Literatura.

A atualidade

Os problemas ambientais da atualidade, como o aquecimento global, o desmatamento, a extinção de espécies, o lixo urbano, dentre outros, todos ligados à sobrevivência do planeta, são objetos de estudos constantes dos especialistas que veem como um dos problemas mais graves e imediatos a possibilidade da escassez de água pura.

Desprovida de seu caráter sagrado, a água, devido à escassez progressiva e usos intensivos, tornou-se fundamental para a vida em sociedade. Por isso, decisões importantes estão sendo tomadas no mundo, além de campanhas de conscientização para que os cidadãos assumam responsabilidades e compromissos com as próximas gerações, e a Escola é um dos ambientes mais propícios para que o tema seja abordado.

Navegando na Literatura

Compreendido o significado e a importância do tema, passamos a verificar – pela sua relevância e presença na vida cotidiana – a sua manifestação na Literatura, onde, além das palavras, vislumbramos seu conteúdo simbólico.

A simbologia da água

A água simboliza vida e, em todas as culturas do mundo, é associada à questão das origens.

Segundo Chevalier, as significações simbólicas da água podem reduzir-se a três temas dominantes: *fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência*, temas que se encontram nas mais antigas tradições, com variações segundo dados culturais. Na Ásia, por exemplo, a água é vista como a origem da vida, elemento da regeneração corporal e espiritual, o símbolo da fertilidade, da pureza, da sabedoria, da graça e da virtude. A água é a matéria-prima, tudo era água, dizem os textos hindus. A noção de águas primordiais, de oceano das origens, é quase universal e a ela muitas vezes se atribui um poder cósmico. Nas tradições judaica e cristã, a água simboliza a origem da criação; ela é mãe e matriz (útero), fonte de todas as coisas. Todavia, como todos os símbolos, pode ser encarada em planos opostos: fonte de vida e fonte de morte; criadora e destruidora. Reza-se por água porque ela é objeto de súplica e muitas vezes aparece como sinal de bênção. A imersão nela é regeneradora, opera um renascimento. É morte e vida. Apaga a história, pois restabelece o ser num estado novo.

Mitos e lendas

Desde suas origens, as culturas elaboraram sua compreensão sobre a diversidade e às ameaças presentes no mundo, através dos símbolos e, a partir deles, construíram seus mitos. Os mitos são uma forma de organização do imaginário social, recurso dos povos para explicar os fenômenos naturais que temiam por fugir ao seu controle racional. Nas palavras de Vieira & Weber (1997):

“Através [de] padrões historicamente transmitidos de significações compartilhadas e corporificadas em símbolos e instituições (crenças e mitos, valores e normas, formas mais elaboradas de conhecimento...), os seres humanos elaboram e consolidam sua base de conhecimentos, suas atitudes e estratégias de comportamento, sempre às voltas com as coações estruturais impostas pelo meio ambiente natural” (p.26).

Na Antiguidade, a água, por ser um dos elementos vitais para a sociedade, era revestida por um vasto conteúdo simbólico, influenciando na organização das primeiras civilizações situadas nas bacias de grandes rios e nas costas mediterrâneas. O elemento *aqua*, sempre foi inspirador de indagações e motivo de veneração em diferentes culturas antigas, e teóricos afirmam que a origem desta estreita vinculação com a água e da presença de suas imagens simbólicas no inconsciente estaria relacionada, dentre outras coisas, à nossa memória intrauterina.

Apesar dos apelos mágico-religiosos, o homem se viu diante de desafios concretos, os quais necessitava enfrentar. Desde a gênese da história das civilizações, o domínio da água era perseguido, gerando técnicas de irrigação, canalizações, construção de diques, dentre outras. Face ao seu papel fundamental na economia de sobrevivência, as sociedades antigas asseguraram a ‘coerência civilizadora’ através da organização religiosa e administrativa que, vinculadas à função agrária e alimentar, determinou as ações sobre a água, integrando-as a um conjunto de ritos e mitos, como por exemplo, os da criação e da fecundidade. Os deuses podiam simbolizar tanto a admiração quanto o pavor provocados pelos grandes fenômenos naturais.

Navegando nos sentidos do texto

Texto e contexto

Apesar de toda a simbologia que envolve o tema, o que temos neste livro são relatos reais. O texto, baseado em informações dadas por crianças, é intencionalmente conciso. Através de comparações, a criança estabelece um elo significativo da água na sua vida pessoal e, com isso, cria lindas metáforas. Há que se ressaltar que, sendo impressões fortemente delineadas na sua realidade particular, o registro rápido, de poucas palavras, parece pedir um suporte para a sua compreensão – que é dado, magistralmente, pelas ilustrações ricas em detalhes e absolutamente fiéis, do artista Gérard Frischeteau.

Além disso, as descrições de uma realidade tão distante do leitor, – neste caso, leitor brasileiro –, exigem palavras claras que o reportem a este “outro mundo” que ele não conhece, não vivencia e, portanto, não tem repertório para uma visualização imediata. Para fazer este entendi-

mento mais fluido, capaz de alcançar a poesia do texto, optou-se – nesta tradução – pela ausência de vocabulários e expressões que pudessem estar muito além do nível de compreensão do leitor, facilitando o seu envolvimento na leitura.

Como já mencionado, ao descrever a água e sua representação, os coautores acabam por criar ricas metáforas que, independentemente do seu entendimento enquanto figura de linguagem, vai permitir ao leitor uma associação extremamente rica e poética. É assim que guarda-chuvas são vistos como *flores na calçada*, mangueiras se transformam em *serpentes* e um chão batido é a *terra que bebe*.

Ricas descrições que geram associações com imagens e fatos da vida cotidiana, ainda que pelo contraste, pelo distanciamento, mas que a todo tempo enfatizam a riqueza do recurso natural. Por todas estas razões, vemos que, para o pleno entendimento do texto, há que se saber mais sobre o seu contexto. É ele, o contexto no qual cada criança está inserida, que determina a sua percepção da água de um modo bastante específico.

Assim, vejamos o que ele nos diz, passo a passo:

*Para mim, a água é o inverno,
O rio e o mar aprisionados embaixo do gelo,
As cores do céu e da terra que se misturam em turbilhões
A neve que torna brancos os meus cílios,
A solidão e o silêncio da longa noite polar...*

Para mim, a água é um cristal de neve.

A região aqui é Nunavut, um dos três territórios do Canadá que, em inuktitut, significa “nossa terra”. A região inclui quase a totalidade do Arquipélago Ártico Canadense, um conjunto de ilhas no Oceano Ártico, no norte do Canadá.

Neste trecho, a autora descreve o fenômeno da aurora boreal, que “*mistura as cores do céu e da terra*”, criando um dos mais impressionantes espetáculos da natureza, quando as cores iluminam o céu durante o amanhecer ou anoitecer com cores feéricas – num *turbilhão* de cores –, algo muito distante do nosso cotidiano da zona temperada e tropical.

*Para mim, a água é a represa,
O imenso lago que inunda a minha terra,
Os homens e os animais que saem em busca de alimento,
A chispa de energia que corre entre as torres de eletricidade
As grandes cidades onde a noite brilha como o dia...*

Para mim, a água é um raio de luz.

O Quebec é uma das dez províncias do Canadá. É a maior província do país, e a segunda mais habitada. O Quebec possui vastos recursos naturais, entre eles, rios, lagos e florestas. Atualmente, o Quebec é o maior produtor de energia elétrica.

A autora relata neste trecho a sua experiência pessoal diante da inundação de terras para a geração de energia. A região do Quebec, onde mora, possui cerca de sessenta usinas hidroelétricas, com grande impacto sobre a população autóctone.

*Para mim, a água é o oceano,
As ondas escuras que morrem na areia,
O ar úmido onde flutuam as gaivotas,
O barco de meu pai que desaparece no horizonte
E volta ao porto com os porões carregados de peixes...
Para mim, a água é uma estrela do mar.*

A Rússia é o maior país do mundo em extensão territorial e é banhada pelas águas de doze mares. Cerca de 37 000 km de costa delimitam a Rússia dos oceanos Ártico e Pacífico e também do mar Negro e do Cáspio, além da zona dos Bálcãs. Os oceanos representam uma importante fonte de riqueza para o país: o petróleo e o peixe são produtos obtidos naquelas zonas.

Vale notar que, muito embora na tradução, para assegurar um tom poético, tenha-se optado pela expressão “*morrem*”, no que se refere às ondas escuras chegando à praia, a autora, no original, usa a palavra “*encalhar*” como para dar um sentido de parada, interrupção do fluxo contínuo do mar, enfatizando o impacto desta imagem para a criança que a descreve. Assim, no original, temos: “*As ondas escuras que encalham na areia*”.

*Para mim, a água é a primavera,
O aguaceiro que lava os telhados escuros da minha cidade,
O asfalto das ruas que brilha como um espelho de luzes
Os guarda-chuvas coloridos como flores das calçadas,
O cantar alegre de uma fonte...
Para mim, a água é uma flor que se abre.*

Grande parte da Alemanha, região sobre o qual o texto se refere, tem um clima temperado no qual os ventos úmidos ocidentais predominam. No noroeste e no norte, o clima é oceânico; chuvas ocorrem durante todo o ano sendo que o pico ocorre no verão. Os invernos são amenos e os verões frescos. No leste, o clima é mais continental, invernos rigorosos, verões muito quentes. O centro e o sul são regiões de transição que variam entre os climas oceânico e continental.

Aqui, toda a cena descreve a chuva abundante e constante da primavera, que produz, dentre outras imagens, o “*canto*” alegre da fonte (no original “*gorgolejar*”), referindo-se ao excesso de água que, para jorrar na fonte, força a sua passagem por um caminho estreito.

*Para mim, a água é uma certeza.
A torneira que abro sem pensar,*

*A banheira cheia de bolhas de sabão,
A irrigação que faz reluzir o gramado verde
O lago das brincadeiras de férias...*

Para mim, a água é uma gargalhada.

Este trecho, descrito por uma criança da América do Norte, nos repassa a nítida impressão daquele cidadão, no caso um cidadão ainda ingênuo que, convivendo com a abundância de água e desconhecendo os transtornos da escassez, faz de seu uso um gesto impensado, uma atitude inconsequente, uma doce gargalhada...

*Para mim, a água é a floresta imensa
A chuva que cai todos os dias.
As árvores centenárias que criam raízes nas águas
Minha canoa que desliza no meio da folhagem verde
A sinfonia dos pássaros no emaranhado dos galhos...*

Para mim, a água é o rio que respira.

Aqui o cenário é o Rio Amazonas, rio que corta todo o norte da América do Sul, ao centro da Floresta Amazônica. Maior rio da Terra, tanto em volume de água quanto em comprimento, entra em território brasileiro com o nome de Solimões e, em Manaus, após a junção com o rio Negro, recebe o nome de Amazonas e como tal segue até a sua foz, no Oceano Atlântico.

Na floresta, as copas das árvores chegam a medir até 50 metros de altura, local onde habita a maior parte da fauna amazônica. O solo, quase sempre protegido dos raios solares devido a grande massa de árvores, apresenta uma vegetação escassa. As comunidades ribeirinhas, em sua grande maioria, descende dos índios da região. O rio é fonte de alimentação e sobrevivência, uma alimentação basicamente de peixes e frutas. A pesca é fonte de renda, moeda de troca. A canoa, o meio de transporte.

*Para mim, a água é a montanha,
Os caminhos que se perdem dentro da névoa,
A cascata que se transforma em arco-íris ao sol,
Minha aldeia isolada, enroscada em volta do poço,
A torrente gelada que rega nossos jardins...*

Para mim, a água é uma cesta de hortaliças.

Aqui as impressões são de uma criança que reside em regiões fronteiriças entre Perú e Bolívia. Descreve o relevo montanhoso que determina as condições de vida da aldeia, a existência de caminhos escarpados, íngremes, de difícil acesso; a névoa provocada pelo clima e, ainda, a “*torrente gelada*”, sugerindo a violência e a força com que a água desce a montanha.

*O quadrado reluzente dos campos inundados
Pequenas ilhas verdes cheias de mudas,
Minha mãe e meu pai cuidando das plantas
Crianças e patos chapinhando no lodo...
Para mim, a água é uma tigela de arroz.*

O local é a China, provavelmente a região leste, onde se encontra grande parte das plantações de arroz que abastece boa parte do país. No âmbito mundial, o arroz é cultivado nos cinco continentes sendo a Ásia a principal produtora, com destaque para China, Índia e Indonésia.

Vale notar aqui, a alusão ao traçado quadrado dos campos de arroz – cuja expressão típica na agricultura, também presente no original, é “*quadrilátero*” que, devidamente ilustrado, é fundamental para a compreensão deste texto. Os campos alagados, os patos chapinhando, a água tão presente no cultivo e sem a qual não se tem o alimento, aqui, magistralmente, comparado a “*uma tigela de arroz*”, reforçando um forte elemento cultural da região.

*Para mim, a água é uma longa história,
A terra do deserto conquistada por meu avô,
A serpente de plástico que derrama água, gota a gota
As dunas transformadas em jardins,
O murmúrio da folhagem das velhas árvores frutíferas...
Para mim, a água é o suco de uma laranja.*

Este trecho faz referência a Israel, país onde cerca de 9% da população vive em áreas rurais, tanto em aldeias como em colônias agrícolas e que tem como grande desafio, na agricultura: produzir mais, em menos espaço e com pouca água, principalmente em regiões onde água e terra arável são escassas. A necessidade de produzir alimentos com poucos recursos naturais fez da tecnologia agrícola israelense uma das mais desenvolvidas do mundo, especialmente em irrigação, incluindo aí a irrigação por gotejamento, “*a serpente de plástico que derrama água gota a gota*”.

*Para mim a água é a época das chuvas
O horizonte coberto de nuvens negras,
O chão rachado de tanta sede,
As primeiras gotas que caem sobre o telhado,
Meu rosto inundado, erguido para o céu...
Para mim, a água é a terra que bebe.*

Chegamos à Índia, cujo clima varia entre o tropical ao sul, e o temperado, ao norte, e nas regiões setentrionais neva no inverno. Clima fortemente influenciado pelos Himalaias e pelo deserto de Thar. A cordilheira forma uma barreira contra os ventos frios da Ásia Central, o que man-

tém o subcontinente com temperaturas mais elevadas do que outras regiões de mesma latitude e cujas chuvas, entre junho e setembro, se devem às monções.

Monção é a designação dada aos ventos sazonais, em geral associados à alternância entre a estação das chuvas e a estação seca, que ocorrem em grandes áreas das regiões costeiras tropicais e subtropicais. A palavra tem origem na monção do Oceano Índico e sudeste da Ásia onde o fenômeno é intenso e também é usada como nome da estação climática na qual os ventos sopram do sudoeste na Índia e países próximos e que é caracterizada por chuva intensa. Tanto assim que, no original, temos: *Para mim, a água é o tempo das monções.*

*Para mim a água é a paciência,
A marcha silenciosa sobre a areia fina,
Os cantis cheios de água, mais preciosos do que ouro,
Os acampamentos em família debaixo de milhões de estrelas,
O oásis ao longe, como uma terra prometida...*

Para mim, a água é um chá de menta.

Estamos no Norte da África, região do Saara, o maior deserto do mundo e cujo território se estende pelos países: Egito, Marrocos, Argélia, Líbia, Tunísia, Mauritânia, Mali, Sudão e Chade. O deserto possui pouco mais de 9 milhões de Km². A palavra Saara deriva de “tenere” que, na língua tuaregue, quer dizer deserto. O principal rio que atravessa o Saara é o Nilo.

O Saara situa-se, quase totalmente, numa região de planalto e, em grande parte é composto por areia. Suas dunas são formadas por terríveis tempestades de areia. Existem também os oásis, pequenas áreas com presença de água e vegetação. As chuvas são raras e as temperaturas podem chegar a 50°C durante o dia e -5°C à noite. Com estas condições climáticas e geográficas, poucos povos habitam a região. Os beduínos costumam atravessar constantemente o deserto, acompanhados de seus camelos, para praticarem o comércio ambulante.

*Para mim, a água é um milagre,
Minha aldeia abandonada, queimada pelo sol,
A caminhada interminável sobre o chão abrasador,
A sombra da tenda onde finalmente podemos dormir,
A caminhão-pipa que nos mantém vivos...*

Para mim, a água é como a mão estendida.

O texto aqui se refere à África Central, região onde predomina o clima equatorial, com temperaturas que variam entre 25°C e 30°C e índices pluviométricos que atingem até 3.000 mm ao ano. Em virtude da localização geográfica do continente africano, há nele uma diversidade de climas – tropical ou intertropical, mediterrâneo e semiárido entre outras variações –. No entanto, o que predomina são as temperaturas extremamente elevadas, característica determinada pelo relevo na costa, cujas montanhas impedem a entrada de massas de ar no centro do continente.

*Para mim, a água é o canto de minha mãe,
O oceano de seu ventre onde me transformo,
O cordão que me alimenta, sem o qual não posso crescer,
Sou criança da água nesta bolha morna
Criança da água vou permanecer...*

Numa referência clara ao período de gestação e ao nascimento, a estrofe acima nos oferece uma série muito rica de comparações e analogias.

Atividades sugeridas

Para um bom aproveitamento de todos os recursos do livro, seguem algumas propostas de trabalho:

Atividades pré-leitura

- Sobre o tema:

Iniciar uma reflexão sobre a problemática atual da água, buscando compreender as formas de relacionamento homem/natureza, a partir de uma breve contextualização histórica.

- Sobre o contexto:

Num atlas, globo terrestre ou internet, localizar os seguintes países e territórios: Nunavut, Canadá, Rússia, Alemanha, Estados Unidos, Brasil, Peru, China, Israel, Índia, Marrocos, Etiópia, salientando, sobretudo, os recursos hídricos e as variações climáticas destas regiões.

- Sobre a linguagem:

Recuperar com os alunos, – se for tema já estudado e condizente com o grau de compreensão – o conceito de metáfora e seus exemplos. Não sendo o caso, chamar atenção para as comparações que são feitas nos diálogos informais do dia a dia, a título de explicação ou descrição de fatos como por exemplo: “*chover canivete*”, “*fome de leão*” preparando o aluno para as descrições comparativas encontradas no texto.

O professor também pode iniciar uma discussão sobre hábitos e costumes em diferentes culturas, conforme o grupo, faixa etária e nível de compreensão, antecipando algumas distinções entre o Brasil e os outros países mencionados no livro, tanto em significados atribuídos quanto em comportamentos culturais.

Buscar o significado de vocabulário novo, se houver.

Atividades de leitura/interpretação

- A leitura propriamente dita:

Apropriação do texto (inclusão no repertório do aluno);

Reconstrução oral da história, por partes;
Esclarecimento das principais dúvidas;
Detalhamento das imagens.

Uma primeira leitura pode ser feita em classe, em conjunto, ou individualmente como um dever a ser levado para a aula seguinte, a partir do qual será realizado o trabalho.

Atividades pós-leitura

Desenvolvimento de competências:

Linguística

- listagem das observações dos alunos sobre os depoimentos encontrados do livro.
- redação de um pequeno texto – individual – iniciado por: *Para mim a água é...*
- troca destes textos entre alunos e/ou grupos para leitura em voz alta, avaliação, debate, discussão, confecção de mural etc.
- em grupos, identificar as principais analogias que podem ser feitas com a palavra água. Essas analogias deverão ser contextualizadas em frases, provérbios, enunciados de reportagens, notícias de jornais, sites e livros didáticos.
- organizar um debate sobre questões relacionadas ao texto¹.

Visual

- organizar um mural com fotos alusivas ao texto e às discussões realizadas sobre os efeitos do excesso ou escassez da água (secas, enchentes) ou, ainda, ilustrativa das condições climáticas e das regiões citadas no livro. Por exemplo: fotos relativas à vida nas aldeias ribeirinhas, fotos do “turbilhão de cores” causado pela aurora boreal.

Espacial

- em grupos, criar maquetes representativas de algumas das redações feitas pelos alunos sobre o significado da água na sua vida cotidiana (selecionadas em conjunto, justificando as razões da escolha).

Intertextualidade

- Ciências – discutir sobre a importância da água nas questões de higiene e saúde.
- Geografia – localizar no mapa regiões do Brasil que possam estar associadas às descrições relatadas pelo livro. Como vivem as crianças destas regiões? Por quê?
- Conhecimentos gerais – pesquisar em revistas, jornais e internet, reportagens a respeito de grandes catástrofes por excesso ou escassez de água; discutir formas de prevenção e combate aos problemas causados por grandes inundações pelas águas das chuvas.

¹ Vide **Anexo 1** – Sugestão de questões para debate.

- Conhecimentos gerais – criar *10 Mandamentos* para a preservação da água, tomando como ponto de partida a leitura conjunta da Declaração Universal dos Direitos da Água, texto redigido pela ONU, em 22 de março de 1992² (querendo, fazer uma analogia com os 10 mandamentos bíblicos).

Atividades relacionadas

Dependendo da idade dos alunos, selecionar alguns dos filmes abaixo sugeridos:

Para os maiores, a **série** do **Disney Nature**:

TERRA

DVD. Walt Disney (sonopress), 2008.

Terra, narrado por James Earl Jones, traz a extraordinária história de três espécies de animais em uma maravilhosa jornada através do Planeta.

OCEANOS (documentário)

DVD. PlayArte Pictures; Direção: Jacques Perrin e Jacques Cluzaud, 2010, 100 min.

Aproximadamente três quartos da superfície terrestre são cobertos por água, e o filme explora as histórias e mistérios que neles se escondem. Filmado com avançada tecnologia de captação de imagens subaquáticas.

Para os menores, desenhos animados cujas cenas ou a temática envolvam a presença das águas:

A PEQUENA SEREIA

DVD. Disney, 2006; 82 min. Livre.

A PEQUENA SEREIA 2 – O RETORNO PARA O MAR

DVD. Disney, 2007; 75 min. Livre.

POR ÁGUA ABAIXO

DVD. DreamWorks Animation, Aardman Animations, 2006; 84 min. Livre.

PROCURANDO NEMO

DVD. Disney, 2003; 100 min. Livre.

PONYO – UMA AMIZADE QUE VEIO DO MAR (animação)

Filme de origem japonesa. PlayArte, 2010; Produção: Toshio Suzuki e Frank Marshall; 101 min.

² Vide **Anexo 2** – Declaração Universal dos Direitos da Água.

Do mestre da animação Hayao Miyazaki, Ponyo é uma peixinha dourada que conhece o garoto Sosuke. Ele a leva para sua casa e decide cuidar dela. O amor e a amizade entre os dois é tão grande, que Ponyo resolve se tornar humana só para ficar mais tempo ao lado de seu amigo.

DOZE LENDAS BRASILEIRAS

Áudio-livro. Versão do livro infantil da autora, *Como Nascem As Estrelas* (1987), com a diferença de que, no CD, os “causos” do Saci Pererê, do nascimento das estrelas, aparecimento dos bichos, etc., são contados por 12 atrizes. Cada uma delas interpreta um texto e dá seu tom à narrativa. Elas interferem nas histórias, emprestando graça, humor e dramaticidade às lendas do folclore brasileiro, entre elas, *Yara, a senhora das águas*.

Internet:

<http://videodahora.com.br/Videos-Br/13975/Desenho-animado—O-ciclo-da-agua/> - e outros.

Bibliografia

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

EDITORIAL SOL 90, *Mundo (Vol. 1)* Atlas Geográfico Mundial – Editora: Sol 90.

LEFT, Enrique, *Ecologia, Capital e Cultura - A Territorialização da Racionalidade Ambiental*. São Paulo: Vozes.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

VIEIRA, Paulo F.; WEBER, Jacques. Introdução geral: sociedades, naturezas e desenvolvimento viável. In: VIEIRA, Paulo F.; WEBER, Jacques. *Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento: novos desafios para a pesquisa ambiental*. São Paulo: Cortez, 1997. p.17-49.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa on-line, disponível em:

<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?>

ROTEIRO Deleitura elaborado pela socióloga e escritora *Sonia Salerno Forjaz*; Bacharel em Ciências Sociais pela FFLCH/USP; Licenciada pela FE/USP; Especialista em Português, Língua e Literatura pela UMESP; autora de literatura infantojuvenil.

Anexo 1 – Sugestão de questões para debate

O cristal de neve

1. Para você, o que são os turbilhões de cores?
2. Como se chama a escultura que se encontra na página da direita?

A centelha de luz

1. Como os homens e as renas buscam seu alimento?
2. Qual a energia que transforma a água em luz?

A estrela do mar

1. Uma gaivota pode “flutuar” no ar? Explique o sentido desta imagem.
2. Qual o significado real da frase: as ondas escuras que “morrem” na areia?

A flor que se abre

1. Você consegue encontrar na ilustração tudo o que está escrito no texto?
2. Porque a autora diz “guarda-chuvas coloridos como flores das calçadas”?

Uma gargalhada

1. De acordo com o texto, o que significa para você “a água é uma certeza”?
2. Nesta ilustração, onde brincam as crianças nas férias?

O rio que respira

1. Como se chama a floresta onde chove todos os dias?
2. De qual rio do Brasil se fala nesta página?

Uma cesta de hortaliças

1. O que significa “os caminhos que se perdem dentro da névoa”?
2. Diga as cores que existem num arco-íris.

Uma tigela de arroz

1. O que significa “o quadrado reluzente dos campos inundados”?
2. Para você, o que o menino leva nos braços?

O suco de uma laranja

1. Quais as árvores frutíferas que aparecem nesta ilustração?
2. O que faz a “serpente de plástico”?

A terra que bebe

1. Por que as crianças estão felizes?
2. O que você entende por “a terra que bebe”?

O chá de hortelã

1. O que há dentro dos cantis? Porque é “mais precioso do que ouro”?
2. O que é um oásis?

A mão estendida

1. Por que a água se torna “um milagre” ou ainda “uma mão estendida”?
2. Como chamamos o lugar descrito por esta ilustração?

Uma questão de vida

1. Qual o verdadeiro nome do “cordão que alimenta” de que se fala?
2. Porque a barriga da mãe é comparada a um “oceano” e a uma “bolha morna”?

Anexo 2 – Declaração Universal dos Direitos da Água (ONU)

1. A água faz parte do patrimônio do planeta. Cada continente, cada povo, cada nação, cada região, cada cidade, cada cidadão, é plenamente responsável aos olhos de todos.
2. A água é a seiva de nosso planeta. Ela é condição essencial de vida de todo vegetal, animal ou ser humano. Sem ela não poderíamos conceber como são a atmosfera, o clima, a vegetação, a cultura ou a agricultura.
3. Os recursos naturais de transformação da água em água potável são lentos, frágeis e muito limitados. Assim sendo, a água deve ser manipulada com racionalidade, precaução e parcimônia.
4. O equilíbrio e o futuro de nosso planeta dependem da preservação da água e de seus ciclos. Estes devem permanecer intactos e funcionando normalmente para garantir a continuidade da vida sobre a Terra. Este equilíbrio depende em particular, da preservação dos mares e oceanos, por onde os ciclos começam.
5. A água não é somente herança de nossos predecessores; ela é, sobretudo, um empréstimo aos nossos sucessores. Sua proteção constitui uma necessidade vital, assim como a obrigação moral do homem para com as gerações presentes e futuras.
6. A água não é uma doação gratuita da natureza; ela tem um valor econômico: precisa-se saber que ela é, algumas vezes, rara e dispendiosa e que pode muito bem escassear em qualquer região do mundo.
7. A água não deve ser desperdiçada, nem poluída, nem envenenada. De maneira geral, sua utilização deve ser feita com consciência e discernimento para que não se chegue a uma situação de esgotamento ou de deterioração da qualidade das reservas atualmente disponíveis.
8. A utilização da água implica em respeito à lei. Sua proteção constitui uma obrigação jurídica para todo homem ou grupo social que a utiliza. Esta questão não deve ser ignorada nem pelo homem nem pelo Estado.
9. A gestão da água impõe um equilíbrio entre os imperativos de sua proteção e as necessidades de ordem econômica, sanitária e social.
10. O planejamento da gestão da água deve levar em conta a solidariedade e o consenso em razão de sua distribuição desigual sobre a Terra.

Fonte: ONU (Organização das Nações Unidas)